



## IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGIA - DISCURSO DE ABERTURA

**Telmo Mourinho Baptista**

Bastonário da Ordem dos Psicólogos Portugueses

**R**egressamos ao mesmo local quando realizámos o primeiro Congresso da Ordem. Com um sentido de continuidade, mas também de crescimento. A responsabilidade acrescida de juntar ao Segundo Congresso da Ordem dos Psicólogos o nono congresso da FIAP. Estendendo o espaço do diálogo para além das nossas fronteiras, abraçando o mundo ibero-americano. Obrigado por fazerem parte deste momento e por nos ajudarem a mostrar a afirmação dos psicólogos no espaço ibero-americano. Este espaço geográfico e de línguas próximas, o espanhol e o português, que têm em todo o mundo cerca de 630 milhões de falantes nativos, um universo de línguas, culturas, mas também de problemas para resolver a que os psicólogos podem dar um contributo central.

**Terminei o primeiro Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses com um pedido de que cada um de nós, psicólogos, transformasse cada dia no momento da afirmação da profissão.** Regresso com a afirmação dos psicólogos no espaço ibero-americano, tema deste congresso, e que melhor exemplo dessa afirmação de que a enorme participação com trabalhos neste evento.

O programa fala por si. A dificuldade será na escolha de entre as 15 salas em funcionamento simultâneo, mas antes esta dificuldade resultante da abundância. Os psicólogos compreendem bem o significado das crises e o impacto das mesmas nas pessoas, nas famílias, na vida pessoal, e do trabalho.

Afinal, é a sua tarefa crucial a compreensão do outro como parte do processo de resolução de problemas. Por isso, também compreendem as dificuldades em fazer crescer os serviços que podem prestar ajuda às pessoas principalmente em alturas de crise, mas por muita compreensão que possam ter,

não podem ser vítimas dessa mesma compreensão e esperar para que os seus pedidos sejam atendidos depois de todos os outros, principalmente quando reconhecem que têm os meios para ajudar na resolução dos problemas. Não faço deste púlpito um lugar de reivindicação pública para criar embaraços, promover a demagogia ou o populismo.

O que temos a dizer temo-lo dito, a Vossa Excelência em todos os serviços, bem como a outros ministérios, não nos eximindo de dar opinião como nos compete e está nos deveres de constituição da Ordem. Quero, por isso, agradecer a forma como têm sido acolhidas as nossas opiniões pelos diversos serviços do Ministério da Saúde e afirmar que continuaremos a fazê-lo na defesa dos interesses dos cidadãos e dos profissionais de psicologia, porque para a nossa profissão, e por força do que empreendemos, temos de assumir um ministério provedor do cidadão. Feitas as contas ao custo ou, melhor dito, ao investimento pela quantia equivalente a três horas de juros da dívida portuguesa e relevo três horas de juros da dívida portuguesa **ter-se-ia a possibilidade de ter mais de 190 mil horas de intervenção psicológica numa possível cobertura de mais de 20 mil pessoas. Vale a pena meditar nestes números e perguntarmos se não agora, quando.** Por isso, esperamos que possam ser dados passos decisivos na criação de formas adicionais de prestação de cuidados.

E é porque temos a consciência da importância de uma boa gestão, que já demonstrámos, e continuaremos a demonstrar como uma intervenção psicológica poupa sofrimento mas contribui também, e de forma decisiva, para a redução dos gastos em saúde, em assistência social, na educação, na justiça, e em muitas outras áreas.

Investir na intervenção psicológica faz todo o sentido em termos pessoais, económicos e sociais. Isso entendido num plano de mais longo prazo é um investimento com enorme retorno. Remediar sai mais caro e produz dano. Por isso é tão importante a deteção precoce dos problemas e uma rápida forma de intervenção.

Poupa sofrimento, poupa nos gastos, e apesar de ser tão conhecida a importância da prevenção continua a ser um parente pobre das intervenções, pois os resultados não são imediatos e veem-se muitas vezes na ausência ou diminuição do número ou intensidade de problemas esperados.

Fernando Pessoa afirmava “quem não quiser sofrer que se isole, feche as portas da sua alma quando possível à luz do convívio”, mas quem é que pode hoje em dia numa sociedade em permanente comunicação fechar as portas à luz do convívio? E com que custo? E com quanto dano? Quando sabemos que a nossa existência cada vez mais interdependente resultando da interacção com os outros, diminuindo os isolamentos involuntários que tanto impedem as pessoas de se realizarem. Por isso não podemos deixar de passar a falta de intervenção adequada para os problemas crescentes da pressão, da ansiedade, de consumo excessivos, dos problemas familiares, educacionais e organizacionais, e tantos outros que afectam cada vez mais as sociedades e por consequência a sociedade portuguesa. **Os portugueses têm sofrido muito e de diversas maneiras nos últimos anos e fazem-no de forma estoica e na maior parte das vezes silenciosa.** Mas não se deve ver esse silêncio como ausência de dano, o sofrimento silencioso está lá e melhor que ninguém nós, os psicólogos, o sabemos. Ouvimo-lo todos os dias nas escolas, nos centros de Saúde, nas organizações, nos consultórios. Diz-se que uma das tarefas principais de intervenção psicológica é devolver a esperança de forma a que as pessoas, as famílias, os grupos, as organizações acreditem que podem com o seu esforço mudar e alcançar um estado maior do bem-estar.

A força de devolução dessa esperança, ou a forma de devolução dessa esperança, enquanto a expressão das diversas técnicas desenvolvidas pelos psicólogos que permitem um trabalho com os seus clientes que lhe permite alcançar os objectivos que se propuseram. Temos hoje em dia uma ciência com mais de 100 anos, sólida, com resultados demonstrados, em constante evolução, e pronta a ser traduzida em muitas formas de contribuição para o bem-estar das pessoas e das comunidades. A campanha Encontre uma Saída que a Ordem realizou procura sensibilizar os cidadãos para um conhecimento mais aprofundado sobre os problemas psicológicos e formas de ajuda, chegou a cerca de um milhão de portugueses.

Agora para além da informação sobre os problemas psicológicos e as formas de intervenção, os cidadãos podem encontrar o site criado para o efeito e geo referenciados mais de 5.000 psicólogos. Mas todo este mundo possibilidades precisa da ajuda de formas públicas e privadas de intervenção, seja para inclusão dos cuidados de saúde psicológica em seguros, pela maior acessibilidade aos serviços públicos, pela deteção precoce de problemas na escola, ou pela inclusão de intervenções psicológicas na saúde dos trabalhadores nas empresas, e no aumento da produtividade. A Ordem tem uma intervenção focal no mundo global, não pode deixar de intervir em inúmeros espaços, porque só assim potencia um maior reconhecimento e utilização dos serviços dos psicólogos.

É fundamental que os Governos entendam a importância da intervenção, mas que também negociem internacionalmente os compromissos que assumem como os objectivos para o Desenvolvimento Sustentável que estão a ser discutido pelos Estados Membros das Nações Unidas porque esse compromisso, bem como outros, como por exemplo, com a Organização Mundial de Saúde são motores de uma acção fundamentada que implica a possibilidade de intervenção de muitos psicólogos e que em última análise se reflecte no seu trabalho quotidiano. Sem esquecer o papel fundamental das universidades e a nossa total disponibilidade para a colaboração, apontando as necessidades de formação para o desenvolvimento e oportunidades futuras da profissão, trabalhando ainda com as organizações internacionais de Psicólogos como a FIAP, a EFPA e a PsiPLP, para que a pressão se torne conjunta, contínua, e eficaz. Aquilo que um psicólogo estará a fazer amanhã e no futuro será o resultado da sua formação somado às oportunidades criadas por políticas que reconhecem a necessidade da intervenção transformada em condições de trabalho efectivo. **Surge agora no horizonte uma nova comunidade que se pretende também afirmada e forte, a dos psicólogos nos Países de Língua Portuguesa PsiPLP.**

***“Aos nossos colegas dos países de língua portuguesa quero deixar uma especial saudação, pois estão empenhados em aumentar as trocas de experiências e o desenvolvimento de projectos comuns.”***





Temos de fazer acontecer esta comunidade para que cresça com os psicólogos nos diversos países e se torne uma fonte de oportunidades. Quero ainda agradecer a todos os colegas que tão prontamente têm ocorrido a discussão que temos tido sobre as futuras especialidades.

Os contributos extensos que temos recebido sob múltiplas formas enriquecem a proposta e tornam-na cada vez mais participada e consensual. Estou certo que caminharemos para uma devida elaboração das especialidades, que enriquecerá a nossa profissão mostrando o quanto somos exigentes em termos de qualidade. E não me posso esquecer da Acreditação da Formação que contribuirá para o reconhecimento das ofertas formativas de qualidade já existentes em tantas organizações presentes no mercado. Uma palavra aos nossos colegas em situação mais frágil de um ponto de vista profissional. Quero dizer-lhes que continuamos diariamente a desenvolver os esforços para que a sua situação possa melhorar, seja pela criação de mais locais de estágio remunerados, maior inserção no mercado de trabalho utilizando todas as vias ao nosso dispor, ajudando na criação dos próprios projectos de trabalho, e potenciação do desenvolvimento das suas competências. Acreditem que não desistimos, que vos defendemos, que acreditamos no vosso valor, e que trabalharemos convosco para a melhoria da vossa situação.

Mas, como diz o grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, “a dor é inevitável, o sofrimento é opcional”, então temos de ajudar os cidadãos a encontrar cada vez mais opções para o seu sofrimento e uma parte significativa dessas opções passa pelo maior acesso à intervenção psicológica entendida no seu sentido mais abrangente, desde aquelas que procuram remediar uma situação, às que procuram prevenir e até promover novas formas de lidar com o mundo. Não podemos continuar a deixar que se pense que se é uma questão mental não é sério. **As representações do mundo dão origem ao que de melhor e pior existe na humanidade, estão na raiz do pensamento filosófico, da arte, da inovação, mas também das guerras, das dissensões, de conflitos muitas vezes evitáveis.** Por isso, o meu convite é que vamos utilizar os recursos que já temos ao nosso dispor para poupar no sofrimento das pessoas. Poupar no sofrimento das pessoas - esta deve ser a razão de ser da nossa acção.

Mostremos assim que a nossa força reside na capacidade de gerar soluções, defender os mais vulneráveis, e transformar as sociedades pela mudança de cada pessoa ajudando-a no caminho da sua realização. Assim se cumprirá uma das principais missões da psicologia.

**Muito obrigado.**

